SIPS
Sistema de Indicadores de Percepção Social

Cultura

17 de novembro de 2010

ipea
Por um Brasil desenvolvido

Governo Federal
Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República
Ministro Samuel Pinheiro Guimarães Neto

Fundação pública vinculada à Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiro – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente
Marcio Pochmann

Diretor de Desenvolvimento Institucional
Fernando Ferreira
Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais
Mário Lisboa Theodoro
Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia
José Celso Pereira Cardoso Júnior
Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas
João Sicsú
Diretora de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais
Liana Maria da Frota Carleial
Diretor de Estudos e Políticas Setoriais, de Inovação, Regulação e Infraestrutura
Márcio Wohlers de Almeida

Diretor de Estudos e Políticas Sociais
Jorge Abrahão de Castro

Chefe de Gabinete
Pérsio Marco Antonio Davison

Assessor-chefe de Imprensa e Comunicação
Daniel Castro

URL: http://www.ipea.gov.br
Ouvidoria: http://www.ipea.gov.br/ouvidoria

O Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (**Ipea**) atua como importante agente no cenário das políticas públicas. O Instituto assume o compromisso de articular e disseminar estudos e pesquisas, subsidiar a elaboração de planos, políticas e programas governamentais, assessorar processos decisórios de instituições governamentais, além de cooperar com governos e entidades internacionais no seu campo de atuação. Apesar do imenso leque de ações voltadas para a elaboração de estudos sobre cenários, o **Ipea** tem pouca tradição na formulação de dados primários.

O trabalho atual, portanto, possui como benefício direto o aprimoramento das funções do Instituto dentro da sociedade civil, tornando-se um produtor de dados primários em nichos específicos de atuação. Esse novo ramo de atividade garantirá visibilidade e respaldo ao **Ipea**, concedendo-lhe maior participação no ciclo de planejamento, implementação e avaliação das políticas públicas do País.

Esta pesquisa configura um sistema de indicadores sociais para verificação de como a população avalia os serviços de utilidade pública e o grau de importância deles para a sociedade. Logo, permitirá ao Estado atuar de maneira mais eficaz e em pontos específicos da complexa cultura e demanda da população brasileira.

O *Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS)* tem como finalidade servir um quadro de dados sobre a percepção da população nas seguintes questões: i) justiça; ii) cultura; iii) segurança pública; iv) serviços para mulheres e de cuidados das crianças, v) bancos; vi) mobilidade urbana; vii) saúde; viii) educação; e; ix) qualificação para o trabalho. Logo, as análises dos dados servirão como arcabouço pragmático para otimizar a eficácia e a eficiência dos investimentos públicos diante dos serviços direcionados a estes fins.

A pesquisa servirá tanto como indicador essencial para o setor público estruturar da melhor maneira suas ações, como também uma forma de a sociedade civil entender o que de fato se configura como de interesse comum e quais os fatores mais requisitados ao Estado.

Percepções e cultura[1]

A cultura é um plano de observação privilegiado para olhar as cidades e os dinamismos que as movem. Os contextos urbanos induzem processos específicos de desenvolvimento cultural, de transformação de práticas e de condicionamentos particularmente importantes dos usos dados ao tempo livre.

Por outro lado, as práticas culturais, sua diversidade, complexidade e distribuição oferecem, no quadro das cidades atuais, do seu planejamento e da qualidade de vida, um plano de observação em diferentes perspectivas. Por um lado, a perspectiva da espacialidade construída e das suas formas e, por outro, do lugar da cultura nesse espaço.

Em uma perspectiva dialética, é possível afirmar que do encontro e das tensões entre espaço objetivo vivido e o representado (percebido) podem surgir importantes questões que abrem possibilidade à reorganização de zonas de ação, tanto necessária ao campo da organização social da cultura, quanto de intervenção urbana para garantir direitos sociais e culturais às populações.

Em realidade, cidade e cultura devem ser vistos em suas múltiplas articulações e determinações recíprocas no quadro da democracia social, dos direitos de cidadania. Portanto, as cidades são para além do seu plano organizacional material, realidades simbólicas e socialmente produzidas e apropriadas, suscitando diferentes formas de percepção, imagens e identidades.

A expectativa inicial dessa pesquisa era de que a análise dos processos de referenciação simbólica das cidades permitiria interpretar as representações próprias das cidades brasileiras, pequenas, médias e grandes, e de alguns de seus processos culturais. Razões metodológicas e operacionais reorientaram os objetivos para novo foco, permitindo delimitar empiricamente os seguintes elementos na escala das grandes regiões brasileiras:

[1] Este documento foi produzido pelos técnicos de Planejamento e Pesquisa Frederico Barbosa, Herton Ellery Araújo e Ana Codes.

a) percepção social sobre a organização urbana para a prática cultural;

b) disposições culturais para o uso do tempo;

c) percepções a respeito da oferta cultural;

d) frequência de práticas culturais.

A hipótese segundo a qual as dinâmicas e os contextos sociais urbanos constituem um nível relevante para o entendimento da cultura – e esta para a compreensão das estratificações, estruturas e distribuições sociais no espaço – pode ser corroborada empiricamente.

1) A representação (percepção) social sobre a organização urbana para a prática cultural

O conceito central desse estudo será o de referencial, próprio para a análise de políticas públicas. O "referencial" tem como pressuposto que a ação pública resulta de três níveis articulados: a) nível cognitivo (quadro de representação e explicação dos contextos), b) normativo (explicação sobre o que se deve desejar ou almejar) e c) instrumental (com quais operações e instrumentos deve-se agir).

Enfim, todo referencial deve ser legitimado pelos valores característicos da cultura política. É esse quadro que pode ser construído a partir da representação social dos espaços urbanos próprios aos usos culturais.

Essa primeira parte do trabalho mostra que essa construção é social e culturalmente contraditória, pois as percepções dependem de diferentes variáveis posições estruturais e das distribuições espaciais e econômicas. De qualquer maneira, as representações a respeito do espaço urbano e dos usos do tempo livre apresentam padrões claros, indicando por um lado, uma despreocupação política com a organização espacial que leve em consideração a localização de espaços públicos que permita fruição e produção cultural, e por outro lado, mostra que as hierarquias de valor e das práticas não estão estruturadas em núcleo de práticas normativas (visitação a museus, ida a apresentações de música, teatro, dança, circo, etc.) claras e consolidadas.

A Tabela 1 apresenta os resultados gerais que dizem respeito à percepção sobre a localização de diferentes espaços de sociabilidade.

Tabela 1 - **Percepção a respeito da localização de espaços para práticas culturais e sociais**

Localização por proximidade de onde mora	Muito bem situado	Razoavelmente bem situado	Mal situado	Não tem	NS/NR
Espaços verdes	30,7	36,5	31,0	0,3	1,4
Equipamentos esportivos	20,1	31,0	43,2	1,5	4,2
Equipamentos culturais	15,7	26,4	51,0	1,5	5,4
Comércios	59,5	30,6	9,1	0,1	0,7
Localização dos lugares de encontro e vida associativa	20,9	32,0	40,8	1,4	2,7

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Os espaços verdes próximos, a exemplo de praças e parques, são percebidos como bem localizados por 30,7% dos entrevistados e, por 31%, como mal situados. Já os equipamentos esportivos são percebidos como mal situados por 43,2%. Os equipamentos culturais, por sua vez, são percebidos como mal situados por 51% dos entrevistados. Apenas 1,5% afirmaram que esses espaços esportivos e culturais não existem.

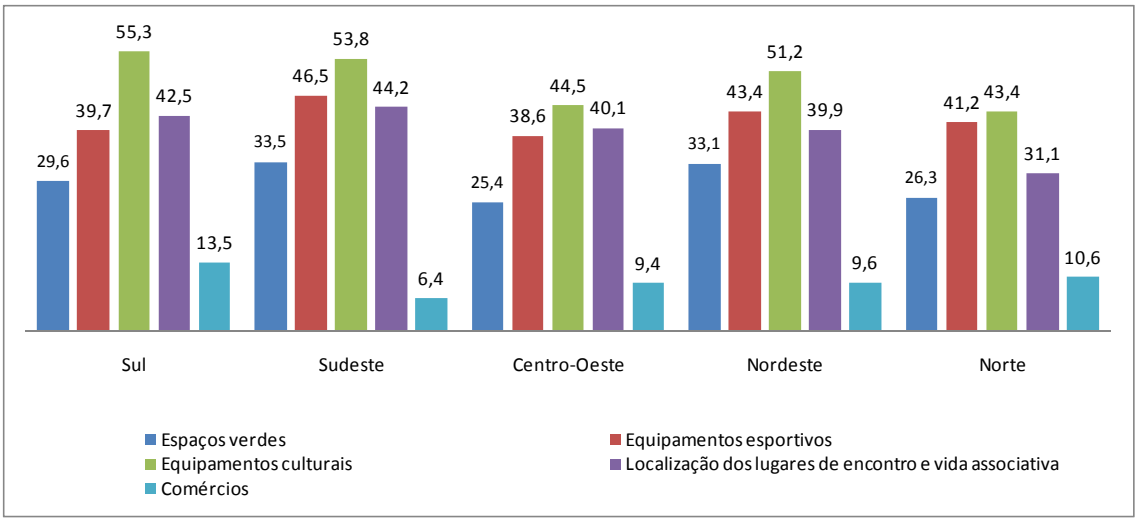
Os lugares públicos de encontro são percebidos como mal situados em relação ao local onde se mora por 40,8% dos entrevistados. O comércio, no entanto, foi apontado como bem situado por um percentual próximo a 59,5% dos entrevistados.

Obviamente, os espaços urbanos devem oferecer, nas proximidades dos domicílios, serviços que permitam comodidade, tais como feiras, mercadinhos de produtos de alimentação, limpeza e vestuário, padarias, etc. No entanto, se constata, por essas percepções, o privilégio dado a essa dimensão funcional da organização urbana em detrimento de outras dimensões importantes da qualidade de vida (acesso a espaços verdes, espaços para práticas associativas, esportivas e culturais).

Ao considerar a percepção do extremo – "mal situado" – para esses diversos espaços nas grandes regiões se obtém o resultado apresentado no Gráfico 1.

A maior parte dos entrevistados percebe que os equipamentos culturais são mal localizados: na região Sul do País, 55,3% consideram que aqueles equipamentos são mal situados; o mesmo ocorre para 53,8% na região Sudeste; 44,5% na Centro-Oeste; 51,2% na Nordeste e 43,4% no Norte.

Gráfico 1 - **Percepção de "mal situado" relativa aos espaços para práticas culturais e sociais nas grandes regiões brasileiras**



Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Deve-se enfatizar que a percepção de grande parte dos entrevistados das regiões é de que os lugares de encontro e equipamentos esportivos têm má localização em relação ao lugar onde moram.

Quanto à percepção das diversas classes sociais em relação à localização dos espaços, deve-se dizer que é sempre mais positiva na medida do aumento dos rendimentos, como se mostra na Tabela 2.

Essa característica se deve à coincidência entre maior renda e acesso a equipamentos urbanos, ou, enunciando de outra forma, a percepção dos entrevistados traduz de forma consistente a sua posição na estrutura de desigualdades expressa na organização do espaço urbano: quanto maior rendimento, maior proximidade e acesso a equipamentos urbanos de cultura e lazer, embora, esse acesso e proximidade devam ser contextualizados nos quadros de fragilidades estruturais.

Esse aspecto também é facilmente constatável pelo grande percentual de pessoas em todas as classes de rendimento que percebem que os equipamentos urbanos estão mal localizados. O exemplo mais claro é o da percepção da localização dos equipamentos culturais, para os quais 52,7% da primeira classe de renda (até 2 salários mínimos) os percebem como mal localizados, seguidos por 51,7% daqueles que têm renda entre R$ 1.020 a R$ 2.250 e por 47,8% dos que possuem renda superior a 5 SM.

Tabela 2 - **Percepção dos espaços para práticas culturais e sociais por classes de renda**

Espaços	Categoria de percepção	Renda familiar mensal		
		Até 2 SM (até R$ 1.020)	+ de 2 a 5 SM (de R$ 1.020 a R$2.250)	+ de 5 SM (de R$2.250 e mais)
Espaços verdes	Muito bem	29,3	30,2	33,4
	Razoavelmente	34,4	37,6	37,7
	Mal situado	34,5	30,8	26,7
Equipamentos esportivos	Muito bem	19,8	18,0	23,4
	Razoavelmente	29,7	31,2	32,4
	Mal situado	44,5	44,9	39,1
Equipamentos culturais	Muito bem	15,9	14,5	17,1
	Razoavelmente	23,7	27,0	29,0
	Mal situado	52,7	51,7	47,8
Lugares de encontro e vida associativa	Muito bem	20,5	20,5	22,2
	Razoavelmente	29,2	31,4	36,5
	Mal situado	42,9	42,3	36,1
Comércios	Muito bem	57,5	58,9	63,0
	Razoavelmente	30,6	32,0	28,7
	Mal situado	11,1	8,3	7,5

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Considerando a escolaridade, observa-se que os resultados apresentam outro perfil. Aqui a percepção quanto à distribuição dos equipamentos sociais no espaço urbano é relativamente homogênea para qualquer das características.

A maior diferença relativa está na percepção a respeito dos lugares de encontro para a vida associativa quando 42% os entrevistados de menor escolaridade consideram-nos mal localizados e apenas 35% de maior escolarização têm a mesma percepção. O padrão de percepção, no entanto, ainda aqui permanece crítico em relação à adequação da localização dos equipamentos relativamente ao local de moradia.

Tabela 3 - **Percepção a respeito dos espaços para práticas culturais e sociais por escolaridade**

Escolarização		Analfabeto até 4ª série do 1º grau	Da 5ª até a 8ª série do 1º grau	2º grau completo ou incompleto	Superior incompleto ou pós graduação
Espaços verdes	Muito boa	31,5	31,5	28,7	31,9
	Razoavel	35,3	38,4	36,3	35,9
	Mal	30,2	29,3	33,6	30,6
	Não tem	0,3	0,4	0,1	0,8
	NS/NR	2,7	0,4	1,3	0,8
Equipamentos esportivos	Muito boa	22,3	20,4	18,6	17,6
	Razoavel	30,6	31,8	29,0	34,8
	Mal	40,3	41,7	48,2	41,8
	Não tem	1,1	2,3	0,8	2,1
	NS/NR	5,6	3,8	3,4	3,7
Equipamentos culturais	Muito boa	15,6	16,8	15,1	15,2
	Razoavel	25,5	27,9	26,0	26,3
	Mal	49,7	49,3	53,0	52,9
	Não tem	1,2	1,7	1,4	2,1
	NS/NR	7,9	4,3	4,5	3,5
Lugares de encontro e vida associativa	Muito boa	22,2	20,8	20,5	19,1
	Razoavel	27,3	33,9	31,4	40,7
	Mal	42,0	39,7	43,1	35,1
	Não tem	1,1	2,0	1,1	1,9
	NS/NR	7,4	3,6	3,9	3,2
Comércios	Muito boa	58,7	58,7	60,7	60,6
	Razoavel	29,8	31,0	31,0	30,9
	Mal	9,9	10,2	7,7	8,0
	Não tem	0,2	0,0	0,0	0,0
	NS/NR	1,3	0,1	0,7	0,5

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

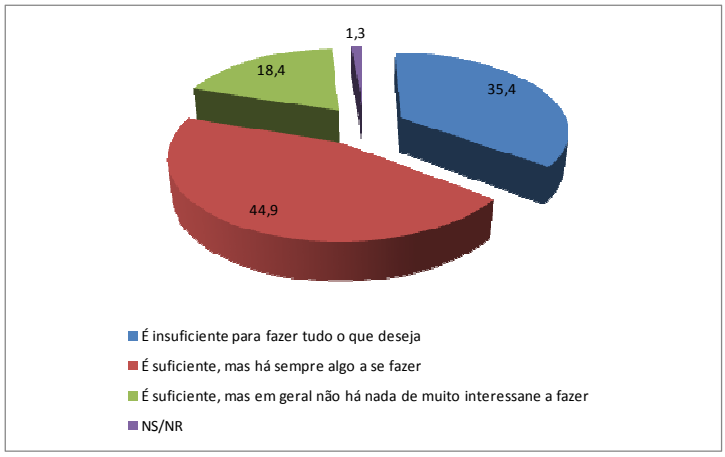
Todavia, um dado deve ser relevado. O percentual dos que não responderam ou não tinham percepção clara a respeito da localização dos equipamentos é elevado em todos os níveis de escolarização, mas é muito superior à média para os de menor escolarização.

Se a redistribuição estatística dessa categoria não altera as tendências presentes nos padrões de resposta, devem-se considerar dois efeitos que podem atuar simultaneamente: o primeiro, evidenciada pelas não-respostas, que a menor escolarização é acompanhada de menor probabilidade na organização de uma resposta relativamente clara. A outra, associada indiretamente à primeira, indica que o processo de pesquisa gera um efeito de constrangimento, fazendo com que o entrevistado emita opiniões e tenha percepções sobre algo de que ele não tem muita clareza.

2) Disposições culturais para o uso do tempo

A questão da percepção do tempo livre também foi abordada no questionário. Esse é definido como tempo utilizado em múltiplas e diferenciadas atividades não relacionadas ao trabalho e varia, portanto, com o nível de vida e a idade, mas também com recursos sociais disponíveis. A questão tem duas dimensões, quais sejam a percepção sobre a suficiência do tempo livre e outra, normativa, sobre quais desejos e práticas seriam realizadas caso o tempo disponível fosse maior.

Gráfico 2 - **Percepção sobre o tempo livre**



Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

A respeito da percepção do tempo livre, 35,4% afirmaram que o tempo é insuficiente para fazer tudo o que se deseja e 44,9% disseram que o tempo é suficiente, mas que sempre há alguma atividade a ser feita. Nesse segundo caso, a resposta deve se referir a

compromissos e outras atividades relacionadas ao cotidiano, tal quais cuidados com a casa, compras, compromissos religiosos e sociais.

Quanto àqueles restantes, 18,4% percebem ter grande parcela de tempo disponível, mas afirmam não encontrar nada de interessante para preenchê-lo.

Como se depreende da Tabela 4, os entrevistados registraram que em caso de se dispor de mais tempo procurariam em primeiro lugar fazer cursos (33,3%), seguido de práticas esportivas (16,1%); não fazer nada (15,1%); cuidar dos filhos, da família e da casa (13%).

A realização de atividades mais próximas das práticas culturais como estudar, pesquisar e ler foi indicado por 9,9% dos entrevistados; e frequentar espaços culturais e de lazer, por 7,7%. A opção de praticar atividades artísticas foi apontada por 3,6% das pessoas.

Tabela 4 - **Percepções a respeito do uso do tempo livre**

O que faria se dispusesse de mais tempo	%
Total	100
Fazer cursos e procurar melhorar a situação profissional	33,3
Praticar atividades físicas e esportivas	16,1
Descansar, não fazer nada de muito preciso	15,1
Cuidar dos filhos, da família e da casa	13,0
Estudar, pesquisar, ler livros	9,9
Frequentar espaços culturais e de lazer	7,7
Praticar atividades artísticas (música, pintura)	3,6
NS/NR	1,3

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

3) Percepções a respeito da oferta cultural

Este bloco questionou a respeito de obstáculos encontrados para o acesso à oferta cultural. A grande maioria dos entrevistados afirmou que os preços altos são obstáculos ao acesso à oferta cultural, sendo que 71% concordam que esse ponto é um importante empecilho à fruição de bens culturais. No entanto, 25% discordam e acreditam que os preços não se constituem em problema.

Outra razão apontada como obstáculo foi a barreira social imposta pelo perfil do público que frequenta espaços culturais. Um número alto de entrevistados (56%) concorda que existe essa barreira no acesso à cultura. Não veem esta questão como problema 38%. Na verdade, já é conhecido o argumento de que há discriminação de classe social quando da frequência a equipamentos públicos.

Já em relação à localização dos equipamentos culturais, o grau de concordância entre os entrevistados não é muito menor, sendo que 62,6% percebem o equipamento como distante do lugar onde moram. Para 35,3% a localização do equipamento não se constitui em problema significativo.

Quanto à atratividade, 42,8% dos respondentes acham as atividades enfadonhas, percentual pouco menor dos que veem as atividades com certo interesse (51,8%). Distribuição similar, porém invertida, pode ser encontrada entre os que consideram os horários dos eventos inadequados: 51,8% concordam, contra 42,4% que discordam.

Tabela 5 - **Percepções a respeito dos obstáculos ao acesso oferta cultural**

Percepção a respeito de obstáculos ao acesso à cultura	Concorda plenamente	Concorda	Discorda	Discorda plenamente	NS/NR
Os preços altos são um obstáculo	19,2	51,8	23,9	1,1	4,1
O público frequentador é elitista	10,4	45,5	36,5	1,8	5,9
Os equipamentos ficam longe de onde moro	13,1	48,5	33,0	2,3	3,0
As atividades são enfadonhas e desinteressantes	4,9	37,9	48,6	3,2	5,4
Os horários em que acontecem são inadequados	7,7	44,1	40,5	1,8	5,8
A região de localização do equipamento é perigosa	9,4	31,8	51,0	3,1	4,7

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Um dado que surpreende refere-se à percepção a respeito da periculosidade da região de localização dos equipamentos. Apenas 41,2% concordam que a região do equipamento é perigosa, enquanto 54,1% discordam com a hipótese de que a localização do equipamento é perigosa.

4) Frequência de práticas culturais

As práticas culturais desdobram-se em padrões distintos a depender de serem práticas domiciliares ou não, isto é, que envolvam saídas. Também registra a integração da população em geral no circuito das indústrias culturais da comunicação e cultura.

A experiência cultural mais usual refere-se a práticas relacionadas ao audiovisual, especialmente a assistência à televisão ou DVD, o que por si expressa o aumento da densidade desse tipo de aparelho nos domicílios brasileiros. Grande maioria dos entrevistados, 78%, afirmou assistir tevê-DVD todos os dias, e 11% adicionais, várias

vezes por semana. Portanto, somados, o conjunto de pessoas desses dois grupos representa 89% de entrevistados praticantes intensivos ou habituais de televisão.

A audição de música é outra prática bastante disseminada. Dos entrevistados, 58,8% afirmaram que a frequência da prática é diária, e outros 25,5% ouvem rádio/música pelo menos uma vez por mês.

Quando se toma distância do par tevê-DVD/rádio, as práticas se tronam menos generalizadas. Somadas as intensidades nunca e raramente, 70,3% dos respondentes encontram-se nessa categoria de praticantes de baixa intensidade no que diz respeito a saídas para bares, boates e danceterias. Entretanto, quase 30% das pessoas saem para esses lugares pelo menos uma vez por mês.

No que se refere à saída para clubes ou academias, apenas 3,3% o fazem todos os dias, e um percentual adicional de 19,1% o fazem pelo menos uma vez por mês. Registre-se que aqueles que nunca vão correspondem a um percentual de 59,2% do total.

A frequência é menor para teatro, circo e shows, que oscila entre pouco frequente (59,2% nunca vão) e raramente (25,6%). Padrão análogo se verifica na saída para apresentações de música, mas aqui se deve apontar que 10% fazem essa prática pelo menos uma vez por mês.

Quanto à visitação a museus e centros culturais, apesar do número alto daqueles que nunca a realizam, tem-se 4,2% de pessoas que o fazem pelo menos uma vez por mês.

A questão a respeito dos níveis de penetração do cinema nas práticas cotidianas, sob a forma de assistência a salas, apresenta resultados surpreendentes. 54% dos brasileiros nunca vão ao cinema, outros 26% vão raramente. No entanto, em torno de 9% dos brasileiros vão ao cinema pelo uma vez por mês, número que revela o potencial econômico da arte ou do cinema como simples entretenimento. 9,4% dos entrevistados afirmam que vão ao cinema entre todos os dias (0,8%) e duas a três vezes por semana (4,2%).

Quando as grandes regiões brasileiras são comparadas (Tabela 6A), vê-se que a região Sul tem 85,8% dos entrevistados que assistem tevê-DVD com frequência diária, e 67,3% que ouvem rádio/música. Também nesse caso, esse par tevê-DVD/rádio-música é das praticas mais frequentes.

Tabela 6A - **Frequência de práticas culturais (região)**

Prática	Frequência	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Nordeste	Norte
TV/DVD	Todos os dias	85,8	73,5	81,4	77,8	81,2
	Pelo menos uma vez por mês	11,8	21,0	15,0	16,0	16,5
	Raramente ou nunca	2,4	5,4	3,5	6,2	2,0
Rádio/música	Todos os dias	67,3	58,9	59,3	56,9	52,1
	Pelo menos uma vez por mês	19,2	24,0	26,3	23,6	40,1
	Raramente ou nunca	13,5	16,9	14,5	19,5	7,8
Bares, boates e danceteria	Todos os dias	3,8	3,6	4,1	3,1	3,4
	Pelo menos uma vez por mês	31,0	25,4	37,5	26,9	39,2
	Raramente ou nunca	65,1	70,7	58,4	69,7	54,9
Clubes e academias	Todos os dias	2,2	2,9	5,6	3,0	3,9
	Pelo menos uma vez por mês	15,1	14,7	29,8	18,4	28,6
	Raramente	82,7	81,9	64,6	78,4	63,0
Teatro/circo/shows de dança	Todos os dias	0,7	0,8	0,9	0,3	1,1
	Pelo menos uma vez por mês	11,1	11,2	20,9	11,5	20,2
	Raramente ou nunca	88,2	87,5	78,2	88,0	73,1
Shows de música	Todos os dias	0,5	1,0	0,9	0,4	0,3
	Pelo menos uma vez por mês	12,5	15,1	23,6	19,1	27,5
	Raramente ou nunca	87,0	83,4	75,5	80,2	66,7
Cinema	Todos os dias	0,7	1,4	0,6	0,1	0,3
	Pelo menos uma vez por mês	15,1	17,7	25,1	9,8	28,9
	Raramente ou nunca	84,1	80,4	74,0	86,7	66,7
Jogos e competições esportivas	Todos os dias	1,0	1,2	0,9	0,6	0,6
	Pelo menos uma vez por mês	15,4	14,1	23,0	17,0	13,4
	Raramente ou nunca	83,7	84,2	76,1	82,3	82,4
Museus/Centros culturais	Todos os dias	0,5	0,3	0,6	0,4	0,8
	Pelo menos uma vez por mês	5,5	6,3	12,4	6,5	5,9
	Raramente ou nunca	94,0	92,9	87,0	92,8	88,2

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Quanto à saída para bares, boates e danceterias, a maior frequência é do Norte, com 39,2% dos respondentes realizando essa prática pelo menos uma vez por mês. O Centro-Oeste apresenta grande número relativo de frequentadores de clubes e academias (29,8%). O percentual de 20,9% de frequentadores de teatro, circo, shows de dança é encontrado no Centro-Oeste, seguido do Norte, com 20,2%, enquanto as outras regiões situam-se na faixa de 11% de pessoas que afirmam frequentar esse tipo de espetáculo pelo mês uma vez por mês.

Já a Tabela 6B mostra as práticas por faixa de idade. Também ali sobressai a freqüência de práticas relacionadas ao audiovisual e rádio/música. Mas enquanto a primeira encontra os mais idosos com maior frequência (83,6% assistem tevê/DVD todos os dias), a segunda tem nos jovens o maior praticante (63,2% ouvem rádio/música todos os dias).

Tabela 6B - **Frequência de práticas culturais (idade)**

Prática	Frequência	Adulto	Idoso	Jovem
TV/DVD	Todos os dias	78,4	83,6	75,3
	Pelo menos uma vez por mês	16,9	12,3	20,2
	Raramente ou nunca	4,7	4,1	4,5
Rádio/música	Todos os dias	56,7	58,6	63,2
	Pelo menos uma vez por mês	26,4	18,8	26,9
	Raramente ou nunca	16,8	22,7	9,9
Bares, boates e danceteria	Todos os dias	3,5	2,2	4,3
	Pelo menos uma vez por mês	26,9	6,3	46,5
	Raramente ou nunca	68,9	91,1	49,0
Clubes e academias	Todos os dias	2,6	0,7	5,7
	Pelo menos uma vez por mês	18,2	7,5	26,7
	Raramente	78,2	91,3	67,0
Teatro/circo/shows de dança	Todos os dias	0,8	0,7	0,6
	Pelo menos uma vez por mês	12,7	4,8	19,3
	Raramente ou nunca	85,3	94,0	79,4
Shows de música	Todos os dias	0,9	0,2	0,6
	Pelo menos uma vez por mês	16,1	5,5	28,5
	Raramente ou nunca	82,0	93,7	69,9
Cinema	Todos os dias	0,9	0,5	0,6
	Pelo menos uma vez por mês	15,4	3,9	28,8
	Raramente ou nunca	82,2	94,7	68,5
Jogos e competições esportivas	Todos os dias	0,9	0,2	1,3
	Pelo menos uma vez por mês	14,9	6,3	22,8
	Raramente ou nunca	83,3	93,3	75,5
Museus/Centros culturais	Todos os dias	0,6	0,2	0,2
	Pelo menos uma vez por mês	6,5	3,9	9,2
	Raramente ou nunca	91,9	95,4	89,7

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Os jovens também se ocupam com maior frequência com saída para bares, boates e danceterias (46,5% pelo menos uma vez por mês), ida a clubes e academias (26,7%), ida a teatros, circo e shows de dança (28,5%), cinema (22,8%), jogos e competições esportivas (22,8%) e idas a museus e centros culturais (9,2%). Em todos esses casos, os jovens afirmaram realizar essas atividades pelo menos uma vez por mês.

No que se refere à intensidade das práticas por escolaridade (Tabela 6C), vemos que as tendências se modificam um pouco. Enquanto as práticas audiovisuais caem entre os mais escolarizados, mesmo mantendo-se alta, aumentam também todas as outras práticas que se referem a saídas do ambiente doméstico. Por exemplo, a maior frequência de prática ou de ida ao teatro, circo e apresentações de dança se dá entre aqueles que chegaram ao nível superior: 25,8% frequentam esses eventos pelo menos uma vez por mês. Vão a apresentações de música com a mesma frequência 23,8%; 38,8% vão a cinemas; 21%, a jogos e competições esportivas; e 12,5%, a museus e centros culturais.

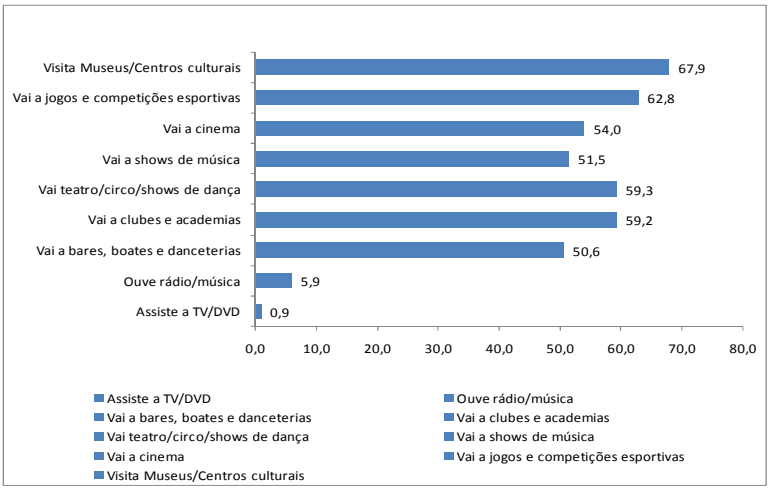
Tabela 6C - **Frequência de práticas culturais (escolaridade)**

Prática	Frequência	Analfabeto até 4ª série	Da 5ª até a 8ª série	2º grau completo ou	Superior incompleto ou pós
TV/DVD	Todos os dias	80,3	79,7	78,3	69,9
	Pelo menos uma vez por mês	15,8	15,8	16,7	24,7
	Raramente ou nunca	3,9	4,6	4,8	5,3
Rádio/música	Todos os dias	59,7	60,4	58,3	54,8
	Pelo menos uma vez por mês	21,7	23,8	28,7	30,6
	Raramente ou nunca	18,5	15,8	13,0	14,6
Bares, boates e danceteria	Todos os dias	3,5	3,8	3,3	3,7
	Pelo menos uma vez por mês	17,4	30,3	36,2	42,8
	Raramente ou nunca	78,7	65,5	59,6	53,5
Clubes e academias	Todos os dias	1,3	2,2	3,8	8,8
	Pelo menos uma vez por mês	12,4	16,9	23,6	29,8
	Raramente	84,8	80,3	72,1	61,2
Teatro/circo/shows de dança	Todos os dias	0,2	1,0	0,6	1,6
	Pelo menos uma vez por mês	8,6	10,7	15,8	25,8
	Raramente ou nunca	89,6	87,5	82,9	72,3
Shows de música	Todos os dias	0,4	0,7	0,8	1,1
	Pelo menos uma vez por mês	11,6	16,4	24,3	23,9
	Raramente ou nunca	86,4	82,4	74,0	74,7
Cinema	Todos os dias	0,3	0,5	1,4	0,8
	Pelo menos uma vez por mês	8,0	13,5	22,0	38,8
	Raramente ou nunca	88,5	85,0	75,5	59,8
Jogos e competições esportivas	Todos os dias	0,4	1,2	1,1	1,1
	Pelo menos uma vez por mês	11,4	15,2	19,2	21,0
	Raramente ou nunca	86,8	83,3	79,2	77,9
Museus/Centros culturais	Todos os dias	0,2	0,5	0,7	0,3
	Pelo menos uma vez por mês	3,9	6,0	8,4	12,5
	Raramente ou nunca	94,2	93,1	90,1	87,0

Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

O Gráfico 3, por sua vez, permite fazer um contraponto. Mostra o percentual que nunca pratica nenhuma das atividades elencadas na pesquisa.

Gráfico 3 - **Percentual de pessoas que nunca realiza práticas culturais**



Fonte: Pesquisa SIPS – IPEA, 2010

Dessa forma, é importante notar que grande parte das práticas culturais selecionadas nesta pesquisa não é realizada por percentual elevado dos entrevistados. Destaque-se

que 59,3% dos respondentes nunca vão a teatro, circo ou apresentações de música; 54% nunca vão ao cinema; e 51,5% nunca vão a shows de música.

5) Conclusão

Quais conclusões tirar, pelo menos provisoriamente, dessas variações de comportamentos segundo características econômicas e sociais?

Até aqui se viu liames estreitos entre organização do espaço urbano e a percepção de que a distribuição de equipamentos públicos de lazer e culturais não é a ideal, no sentido de gerar oportunidades de fruição e consolidação do gosto pelas práticas culturais.

As variáveis econômicas e sociais (renda, idade e escolaridade) compõem as experiências e formatam diferentes lógicas que motivam ou desmotivam as práticas, o que pode ser descrito pelos diferenciais de frequência e disposição para praticar ou fruir a cultura e os espaços de lazer. O que mais interessou aqui foi enfatizar que as percepções sobre a organização dos espaços urbanos para o lazer e a cultura, e as práticas propriamente culturais, além de serem heterogêneas, como já se sabia, também são consistentes no que diz respeito à representação de segregações socioeconômicas e espaciais.

O acesso à cultura, entretanto, não é apenas sintoma de outras desigualdades, ela mesma produz distâncias sociais e culturais. Longe de imaginar que a consciência distorce, a ideologia oculta ou as percepções se constituem em maus juízes do entendimento. Fica claro por essa primeira aproximação dos dados gerados no âmbito do SIPS do potencial das pesquisas de percepção na produção de índices próprios para o acompanhamento de políticas e seus resultados.

Metodologia

A técnica amostral utilizada para a confecção da pesquisa pode ser denominada como "*amostragem por cotas*", visando assim, à representatividade e operacionalidade.

Margem de erro

A técnica de amostragem por cotas consistiu em dimensionar o tamanho da amostra, de modo a garantir a margem de erro geral (nível nacional) de 1,86%, considerando um nível de confiança de 95%, com p = 0,5, dado a heterogeneidade das regiões brasileiras. A margem de erro máxima por região é 5% e p = 0,7, mantendo-se o mesmo nível de confiança. A fim de isolar o erro amostral proveniente das variáveis que acredita-se terem grande variabilidade, as seguintes variáveis foram controladas: idade, sexo, escolaridade, renda, UF, região metropolitana (RM) e não-RM e porte do município. O controle foi realizado através das cotas, de forma que se manteve a composição da população na distribuição percentual daquelas variáveis. Mantendo-se essa composição, a variabilidade da amostra nesses quesitos é igual à da população. Esse controle possibilita maximizar as estimativas e se obter uma margem de erro de 5%, com nível de confiança de 95%, para os níveis do Brasil e das grandes regiões.

Acesso ao entrevistado

As entrevistas são realizadas com pessoas físicas nas residências, de modo a obter as informações diretamente das famílias, segundo seu local de moradia.

Distribuição e dimensionamento da amostra

Inicialmente, foi calculado o número de entrevistas necessário de forma a garantir um nível mínimo de confiança de 5% para cada região do território nacional, mantendo-se também a proporcionalidade existente. Em seguida, a amostra de cada região foi dividida proporcionalmente entre os respectivos estados. Por sua vez, as amostra estaduais foram dicotomizadas entre metropolitana e não metropolitana. A partir daí, os municípios que compõem a amostra final foram selecionados, contemplando-se municípios autorrepresentativos, médios e pequenos. Na seleção, procurou-se representar cada estado espacialmente, ao mesmo tempo em que se buscou garantir operacionalidade das rotas.

Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República